

A fantasia do corpo inconsistente do capital¹:
alegorias discursivas

The fantasy of the inconsistent body of capital: discursive
allegories

La fantasía del cuerpo incoherente del capital : alegorías
discursivas

Leda Verdiani Tfouni
Universidade de São Paulo (USP)

Leny A. Pimenta
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Resumo

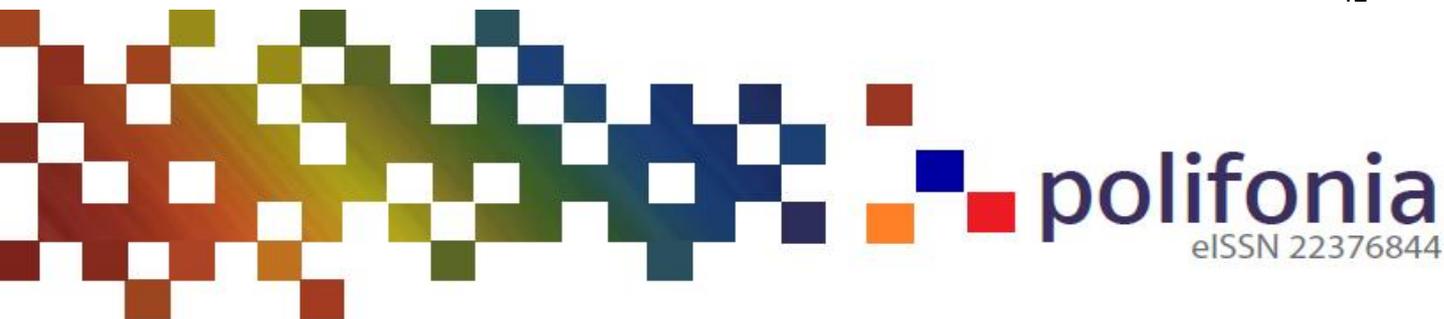
As reconfigurações do trabalho no século XXI revelam traços de novas formas de escravização. Pretendemos discutir, neste artigo, a discursivização da grave crise social moderna que se concretiza em relações de trabalho caracterizadas pela redução do quadro fixo de pessoal ligado às empresas e do desaparecimento de vínculos entre trabalhadores e patrões. Trata-se da emergência do trabalho informal e de uma nova classe social: o precariado. Tomaremos como objeto principal de análise o ícone da capa do livro de Guy Standing, O precariado: A nova classe econômica, que se inspirou em um mural de Berlim pintado pelo artista italiano BLU. Seguiremos a metodologia do paradigma indiciário, ancorando-nos nas teorias da análise do discurso francesa de Pêcheux e Foucault, e da psicanálise de Freud e Lacan. Mobilizaremos os conceitos de monstrosidade, equívoco e acontecimento, enfatizando a relação intersemiótica do ícone com a materialidade linguística da capa, remetendo às suas condições de produção.

Palavras-chave: Equívoco. Acontecimento. Trabalho precário

Abstract

The reconfigurations of labor in the 21st century reveal traces of new forms of enslavement. We intend to discuss, in this article, the discursivization of the serious modern social crisis that characterizes labor relations, such as the reduction of the fixed staff linked to companies and the disappearance of bonds between workers and employers. This is the emergence of informal work and a new social class: the precarious. We will take as the main object of analysis Guy Standings' book cover The precarious: The new economy class, which was inspired by a mural in Berlin, painted by the Italian artist BLU. We will follow the methodology of the indiciary paradigm, anchoring ourselves in Pêcheux's and Foucault's theories of discourse analysis, as well as in Freud's and Lacan's psychoanalysis, mobilizing the concepts

¹ Safatle (2008)



of monstrosity, misunderstanding and event, highlighting the intersemiotic relationship of the icon with the linguistic materiality of the cover, referring to its production conditions.

Keywords: Misunderstanding. Event. Precarious labor

Resumen

Las reconfiguraciones del trabajo en el siglo 21 revelan rastros de nuevas formas de esclavitud. Pretendemos discutir, en este artículo, la discursivización de la grave crisis social moderna que se realiza en las relaciones laborales caracterizadas por la reducción de la plantilla fija de las empresas y la desaparición de los vínculos entre trabajadores y empleadores. Se trata de la aparición del trabajo informal y de una nueva clase social: la precariedad. Tomaremos como principal objeto de análisis el icono de portada del libro de Guy Standing *The precarious: The new economy class*, que se inspiró en un mural de Berlín pintado por el artista italiano BLU. Seguiremos la metodología del paradigma de los indicios, anclados en las teorías del análisis del discurso francés de Pêcheux y Foucault, y del psicoanálisis de Freud y Lacan. Movilizaremos los conceptos de monstruosidad, malentendido y evento, enfatizando la relación intersemítica del icono con la materialidad lingüística de la portada, refiriéndose a sus condiciones de producción.

Palabras clave: Malentendido. Evento. Trabajo precário

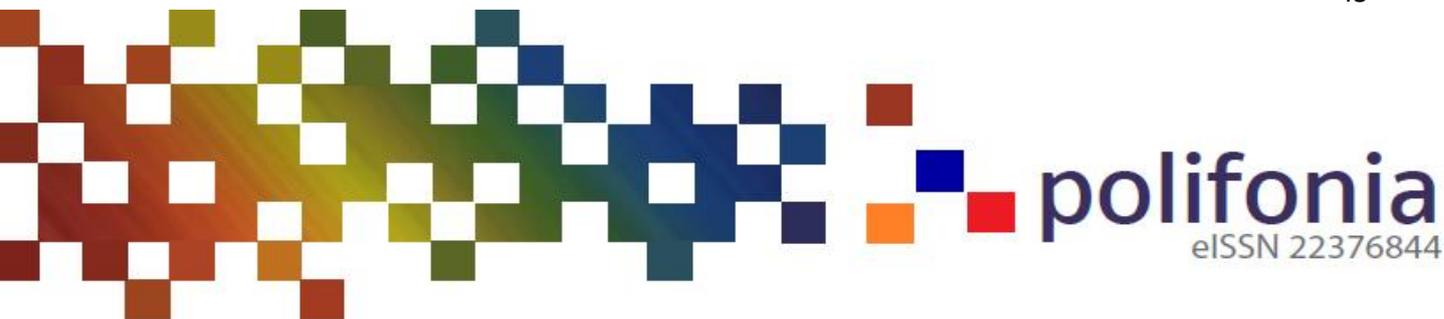
*Onde é que dói na minha vida,
para que eu me sinta tão mal?
quem foi que me deixou ferida
de ferimento tão mortal?*
Cecília Meirelles (1937, p. 45)

Introdução

Estamos presenciando uma aparente desorganização do trabalho remunerado, caracterizada pela redução do quadro fixo de pessoal ligado às empresas, além do desaparecimento de vínculos entre trabalhadores e patrões. Trata-se da emergência do trabalho informal e de uma nova classe social: o precariado.

Carelli (2018) comenta:

O avanço tecnológico da Revolução Digital pode levar esse movimento às últimas consequências: o capitalista não necessita ter nenhum trabalhador diretamente vinculado na forma clássica para realizar sua produção. Essa se dá por meio de produção à distância, em que é deslocada para as mãos de intermediários em qualquer lugar do planeta. No setor de serviços, que é o que mais cresce nas sociedades desindustrializadas, observa-se o ápice do movimento: empresas realizam sua atividade econômica aparentemente sem empregar ninguém, o que só é possibilitado pela Internet e poderosos processadores de algoritmos (CARELLI, 2018, s/p).



No Brasil, a taxa de informalidade subiu de 38,8% em 2016 para 41,4% neste ano. Ao mesmo tempo, essa redução de direitos e precarizações mantêm ativo o exército industrial de reserva que pressiona os salários num patamar abaixo do necessário.

Abílio (2020), pesquisadora das atuais formas degradantes de exploração do trabalho, faz o seguinte comentário:

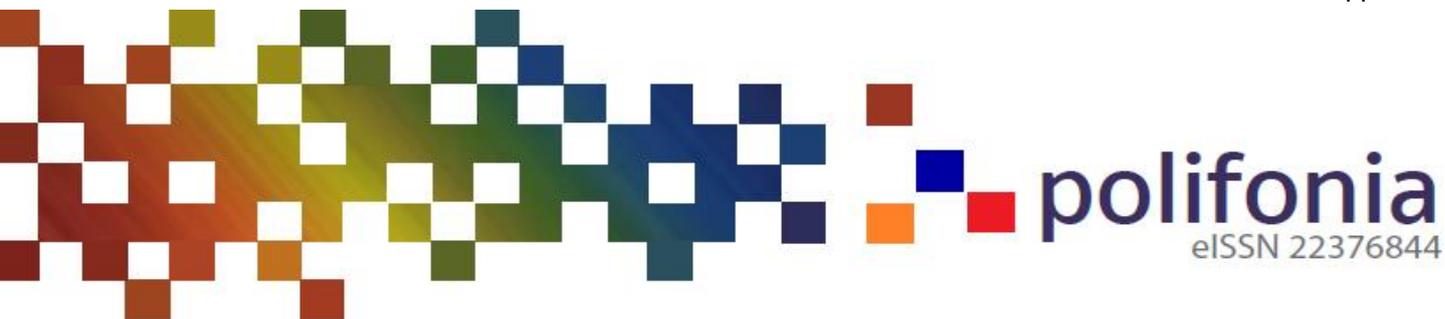
As fronteiras borradas entre o que é e o que não é tempo de trabalho; o que é espaço da casa e o que é espaço do trabalho; o que é trabalho e o que não é; o que é trabalho remunerado e o que não é, são elementos que estruturam de diferentes maneiras o emprego doméstico, o trabalho em domicílio e o trabalho reprodutivo. A novidade é que tais elementos estão subordinados a uma empresa, que opera com essas indistinções de modo organizado, administrado e produtivo. Ou seja, esses elementos são gerenciados na transformação da atividade da multidão em informação que pauta a linha de produção.

Porém, essa desorganização é apenas aparente, pois as relações de trabalho continuam as mesmas, com a diferença que hoje em dia elas estão desmaterializadas. Desse modo, por exemplo, o controle das horas trabalhadas, que anteriormente era realizado *in praesentia*, mediado por relações entre pessoas, é feito, atualmente, por um algoritmo que calcula o tempo de trabalho e sua relação com o bônus (salário) recebido.

Para Carelli (2018):

Entretanto, se tivermos os olhos mais aguçados, vamos ver que empregam trabalhadores em massa. Casos como o de empresas de plataformas algorítmicas de transporte de pessoas e de mercadorias são típicos em que uma multidão de trabalhadores são organizados pelo sistema e despojados de qualquer proteção. Mas esse é só um exemplo que hoje nos é mais evidente, pois virtualmente toda empresa de prestação de serviços poderá realizá-los por meio desse tipo de organização de trabalho de intermediação algorítmica do trabalho humano. (...) O controle hoje é feito de maneira dispersa, seja pela própria organização algorítmica do trabalho, seja pela dispersão do controle por meio da sua clientela. O controle é do tipo panóptico difuso, muito mais eficaz do que qualquer controle pessoal. Isso não é exclusivo do trabalho por plataforma: hoje em qualquer “call center” ao final de cada ligação o controle é realizado pelo consumidor, que se transforma em um preposto do empregador sem receber nada por isso (CARELLI, 2018, s/p).

Essa realidade, que retrata as novas formas de escravidão no século XXI, é apresentada e discutida exemplarmente no livro *O precariado: a nova classe econômica*,



do economista Guy Standing (2014). Ao invés de simplesmente resenharmos as ideias de Standing, adotaremos como objeto de análise a capa do referido livro, de autoria de Diogo Droschi, o qual, por sua vez, inspirou-se em uma fotografia feita por Carol Anne de um mural em Berlim, Alemanha, pintado em 2007 pelo artista italiano BLU. A nós, pesquisadores do discurso, interessa evidenciar o antagonismo entre, por um lado, a política de precarização do neoliberalismo e as discursividades que lhe emprestam corpo material, e, por outro, as teorias que permitem criticar e desmentir tal discurso, no caso, a análise do discurso e a psicanálise.

Nossa fundamentação teórica reside na interface da Análise do Discurso francesa (Pêcheux, Foucault e seus seguidores), da Psicanálise de Freud e Lacan, e na proposta metodológica da análise indiciária (GINZBURG, 1990; TFOUNI, 1972; TFOUNI, PEREIRA & MILANEZ, 2018). Esta última se baseia no método de análise da psicanálise e também detetivesca (dos romances policiais) para estabelecer o que se denomina de paradigma indiciário, que se tornou caro a disciplinas como a análise do discurso de tradição pêcheutiana. Em linhas gerais, o paradigma indiciário de análise parte do princípio de que a realidade é opaca, não sendo possível acessá-la diretamente, mas tão somente através de pistas, marcas de vários tipos (verbais e não-verbais), que permitiriam, através da análise, remontar a realidades complexas.

A imagem estampada na capa (Figura 1) causa estranhamento inicial, pois parece remeter a práticas antropofágicas primitivas, pelo fato de representar um (rosto) humano aparentemente devorando outros seres humanos. Entendemos estranhamento no pano de fundo da psicanálise freudiana (FREUD, 1919/1996), que, por sua vez, tem raízes na literatura (HOFFMANN, 1993), significando algo incomum, inesperado, perturbador; um fato, ou pessoa, que provoca um desequilíbrio na ordem logicamente estabilizada do mundo (PÊCHEUX, 1997), que quebra nosso conforto com relação ao cotidiano e às coisas conhecidas.

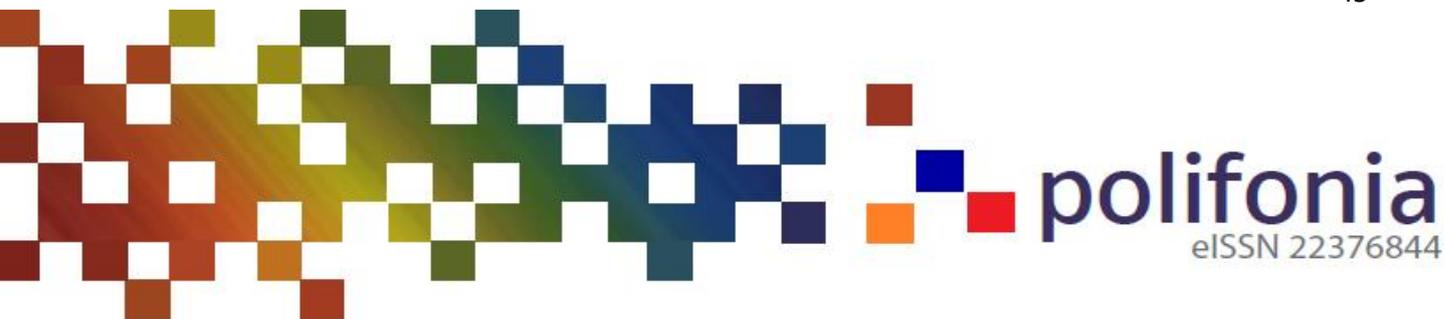
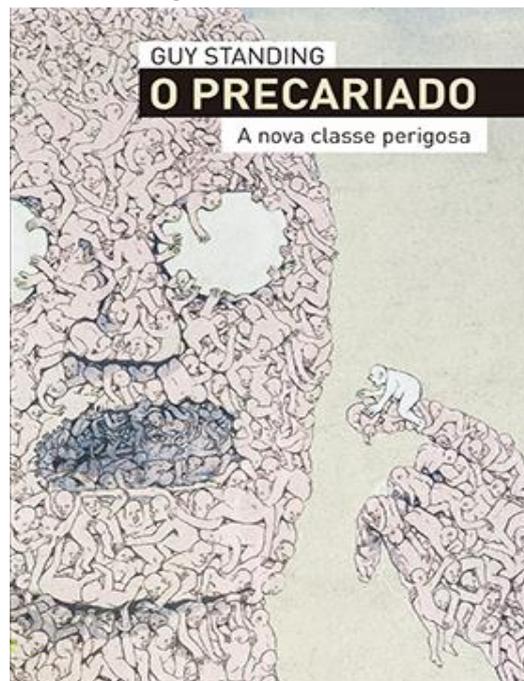


Figura 1- O Precariado



Fonte: Standing (2014)

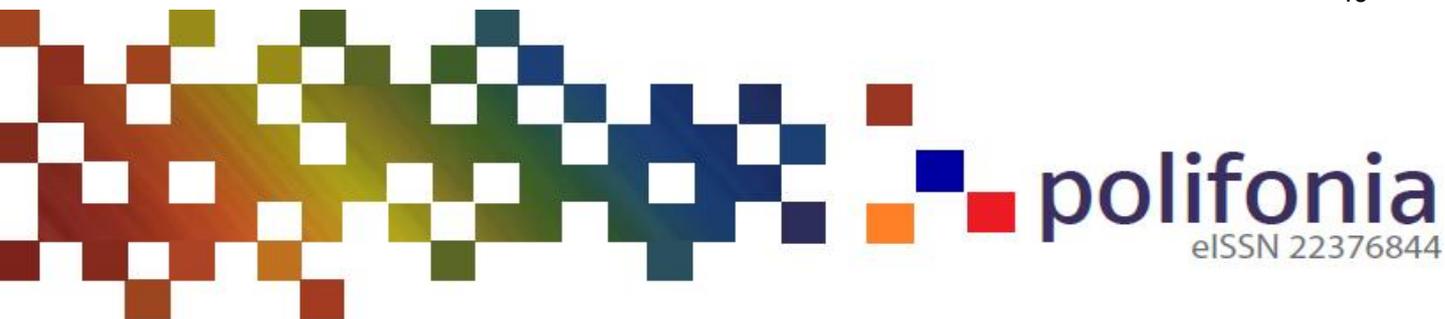
O estranho

Para Freud (1919/1996), o estranho está relacionado com o que é assustador, com o que provoca medo e horror; entretanto, é aquilo que pode ter sido um dia familiar.

Nas palavras do autor:

A palavra alemã *unheimlich* é obviamente o oposto de *heimlich* [doméstica], *heimisch* [nativo] – o oposto do que é familiar; e somos tentados a concluir que aquilo que é ‘estranho’ é assustador precisamente porque não é conhecido e familiar. Naturalmente, contudo, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho (FREUD, 1919/1996, p. 239).

Comentando Freud, Ribeiro (2017) afirma que:

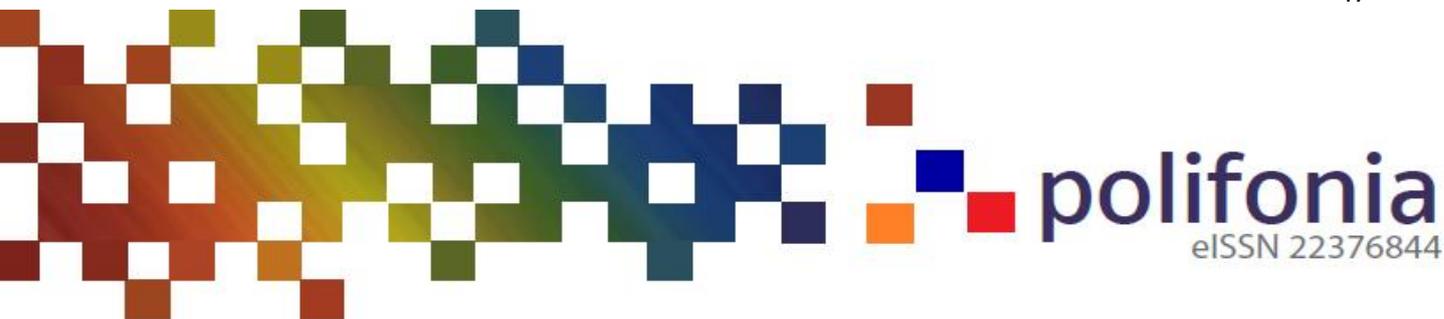


Em Freud, encontra-se estabelecida, como generalidade, a concepção positivista de que o homem se encontra num estágio de desenvolvimento em que ultrapassou ou libertou-se das crenças animistas. Ora, são duas as categorias do estranho: primeira, quando ‘acontece realmente em nossas vidas algo que parece confirmar as velhas e rejeitadas crenças’; já a segunda ‘provém de complexos infantis reprimidos’. Enquanto a primeira categoria ocorre quando vem à luz algo ‘superado’, a segunda acontece quando algo ‘reprimido’ nos atinge, emerge. Daí, se algo está efetivamente superado, como pode vir à luz, emergir? Interessa aqui a tênue fronteira entre superação e repressão. Por um instante, Freud chega a igualar os termos, mas logo se corrige; na sequência do parágrafo, ele próprio admite a nebulosidade dessa distinção: ‘Quando consideramos que as crenças primitivas relacionam-se da forma mais íntima com os complexos infantis e, na verdade, baseiam-se neles, não nos surpreenderemos muito ao descobrir que a distinção é muitas vezes nebulosa’ (RIBEIRO, 2017, p.7).

Pretendemos sustentar que – nesse caso específico - trata-se de uma antropofagia de outra ordem, qual seja, não é um homem devorando outro homem, mas um sistema devorando uma classe. Contemplemos mais uma vez a capa do livro, antes de mergulharmos nos indícios significantes que levarão a uma interpretação - e possível compreensão - da mesma. Iremos considerar a capa em questão como um objeto discursivo cujo sentido é opaco, ou seja, não salta imediatamente à vista, sendo necessário que se empreendam manobras interpretativas para atingi-lo, de acordo com o paradigma indiciário de análise.

Análise

Um primeiro indício está no destaque que a imagem dá à figura que ainda não foi engolida, e que aparece na cor branca, equilibrando-se no dedo indicador da mão esquerda, o que indica seu estatuto de sujeito ainda único, individual, que não perdeu suas características. Porém, está prestes a ser devorado. Os sujeitos, depois de devorados (ou seja, cooptados, aprisionados, pelo sistema) formam o monstro e todos estão na cor rosa. São eles que formam a totalidade do monstro devorador. Ao ser devorado, o sujeito se dilui nesse todo. Essa seria uma das leituras do perigo do precariado: cair fora do simbólico, formando uma classe monstro, perder toda a rede de proteção social no sentido econômico, viver de bicos, trabalhar hoje e não saber se terá trabalho e renda amanhã. Não apenas o



trabalho é precário, mas a sobrevivência está em risco; a própria vida é precária.

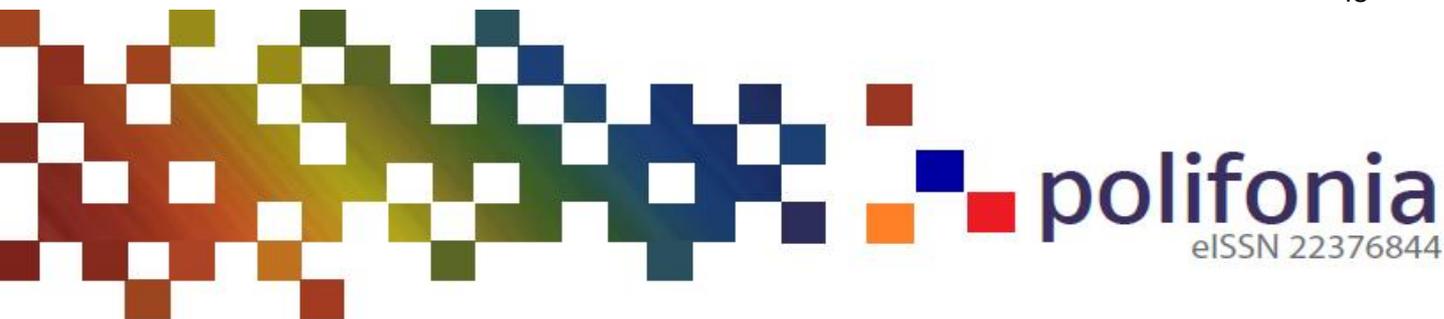
Há um substrato de corporeidade na imagem como representação da fome, um clamor da carne que se situa na fronteira entre a vida e a morte, entre a lucidez e a loucura. Há, ainda, uma evocação da monstruosidade, conceito que aqui discutiremos seguindo Foucault (2001), autor que Rocha (2013) comenta:

Foucault (2001) é claro: o domínio da anomalia e como se constitui esse domínio no século XIX passa por três elementos ou três círculos nos quais a anomalia vai se colocar: o monstro humano, o incorrigível e o masturbador. E quando nos diz que a anomalia se coloca nesses três círculos está, na verdade, nos contando que na definição do anormal, na “genealogia da anomalia vão aparecer elementos que revertem as regras naturais e jurídicas, que são uma exceção (o monstro); elementos que remetem aos indivíduos que precisam ser corrigidos, mas que são incorrigíveis de fato e isso se dá num âmbito mais restrito, mais familiar e mais rotineiro; e elementos que remetem à sexualidade e seu ocultamento (o masturbador). Ora, o que nos resta hoje do confisco, da colonização, da absorção do anormal ao longo do século XIX é um ‘monstro pálido’, um ‘monstro empalidecido e banalizado’ que é também um incorrigível (Grifos nossos) (ROCHA, 2013, p.11)

É ao primeiro tipo de monstro que vamos nos dedicar: o monstro humano. Em oposição ao ‘monstro banalizado’ do século XIX, não é isso que a imagem da capa evoca. Um dos motivos é que, na imagem, a anormalidade não tem qualquer relação com algo que possa ser observado na realidade. Outras pistas para essa diferença são fornecidas por Rocha (2013), que faz o seguinte comentário sobre a monstruosidade:

Ao contemplar os monstros somos capturados pela monstruosidade, a imagem da desordem corporal do monstro nos faz experimentar a deformidade no nosso próprio corpo, o olhar se desnorreia diante do enigma anatômico, mas ao mesmo tempo que o corpo exposto nos perturba, o cenário – com dispositivos cênicos e montagens visuais – acalma. O monstro está lá, a mulher macaco, mas em vestidos femininos, laços na cabeça e flores nas mãos, o que busca uma normalidade, engatando, assim, uma experiência de monstruosidade que torna suportável o consumo imagético, ainda que de um corpo inumano. “A morfologia é bizarra, mas os rostos angélicos” (COURTINE, 2011, p. 270). Há um abalo ótico, algo que nos chama, nos magnetiza, mas algo que nos repele, nos toca com ares de repugnância (Grifos nossos) (ROCHA, 2013, p.11)

Não é isso que ocorre, entretanto, com o monstro devorador de humanos retratado na Figura 1. Nenhum indício de normalidade é introduzido ali. Do mesmo modo, a



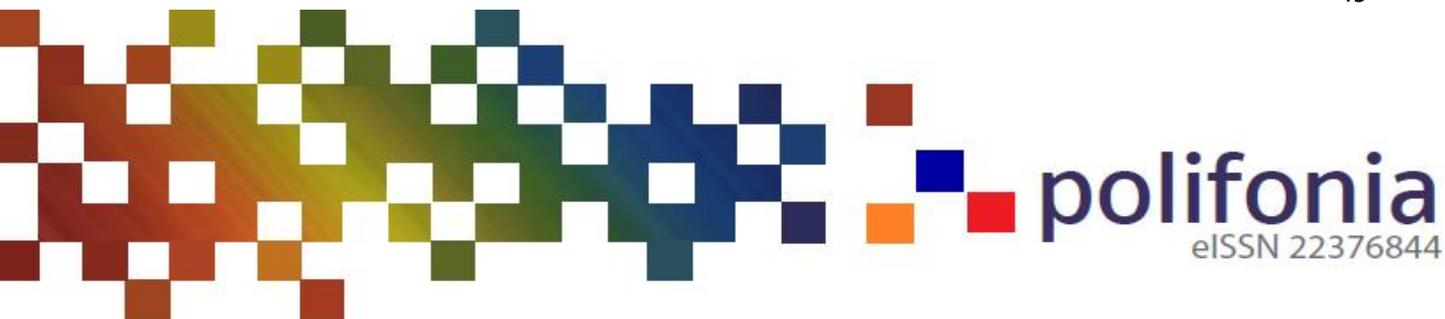
perturbação inicial (já descrita) não se desfaz, ou seja, nada há na superfície discursiva que possibilite ao espectador acalmar-se. A imagem desperta, sobretudo, curiosidade (desejo de entender, explicar).

Foucault, em uma entrevista intitulada de “O filósofo mascarado” concedida ao jornal francês *Le Monde* (abril de 1980), nos revela o gosto pela curiosidade, e comenta:

[...] ela me sugere uma coisa totalmente diferente: evoca "inquietação"; evoca a responsabilidade que se assume pelo que existe e poderia existir; um sentido agudo do real mas que jamais se imobiliza diante dele; uma prontidão para achar estranho e singular o que existe à nossa volta; uma certa obstinação em nos desfazermos de nossas familiaridades e de olhar de maneira diferente as mesmas coisas; uma paixão de apreender o que se passa e aquilo que passa; uma desenvoltura, em relação às hierarquias tradicionais, entre o importante e o essencial. Sonho com uma nova era da curiosidade (FOUCAULT, 1980, p. 04) (grifos nossos).

Entendemos que Foucault vai olhar de diferentes ângulos o mesmo objeto e pensamos ser possível aprender a pensar transversalmente, como ele sempre fazia. Sendo assim, ao olhar atentamente para a característica básica da sociedade capitalista centrada nas relações de produção, percebe-se que essas relações comportam poder microfísico e saberes. Dessa forma, poder e saber encontram-se mutuamente imbricados na constituição das relações de produção. É justamente aí que Foucault vai buscar as técnicas de poder modernas que se concentraram no corpo, no saber e nas normas. A tecnologia moderna do poder se caracteriza por uma canalização produtiva de forças submetidas ao adestramento disciplinar e a uma rotinização do agir em direção a padrões normativos fixos, a partir do que se constrói uma noção de "normalidade". Standing parece dar a palavra definitiva sobre o assunto, ao afirmar que

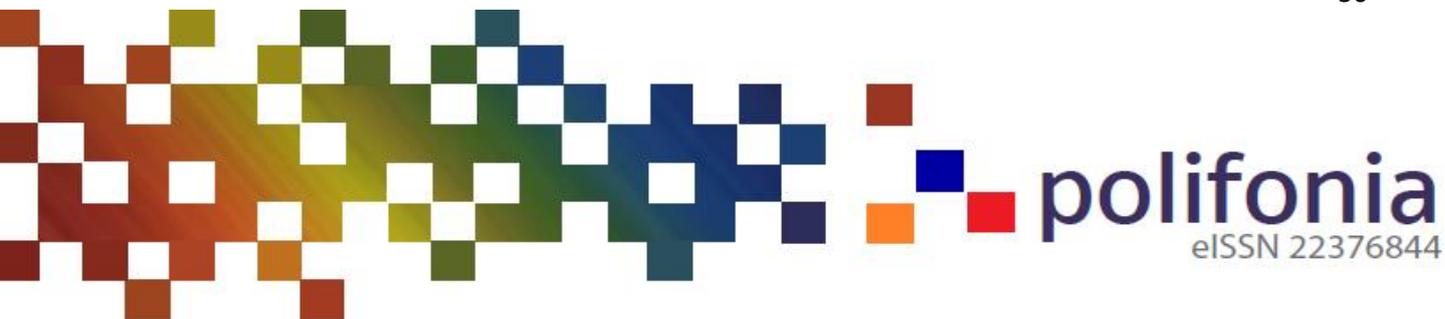
Em qualquer caso, a divisão entre mão de obra remunerada [*wagelabour*] e empregado assalariado [*salaried employee*], e as ideias de ocupação, se dissolvem quando consideramos o precariado. [...] Sem um poder de barganha baseado em relações de confiança e sem poder usufruir de garantias em troca de subordinação, o precariado e *sui generis* em termos de classe. Ele também tem uma posição de status peculiar, não se encaixando em alto status profissional ou em atividades artesanais de médio status. Uma forma de explicar isso e dizendo que o precariado tem “status truncado” [*“truncated status”*]. E, como *veremos*, a sua estrutura de “renda social” não se mapeia



perfeitamente conforme velhas noções de classe ou ocupação. (...) o truncamento de status e a correlativa perda de identidade ocupacional torpedeiam o cerne da autoestima, a saber, a relativa integridade íntima que e construída ao longo do processo individual e social pelo qual respondemos aos dois desafios psicossociais fundamentais que a problemática do precariado agudiza e transversaliza, por envolver a globalização de relações de produção e distribuição da insegurança e da incerteza: a necessidade de amparo e a necessidade de identidade (STANDING, 2014, p.8).

Conjeturamos, diante disso, que a figura da capa deve ser entendida como uma alegoria – um conjunto de metáforas - ou seja, o monstro não é produto da representação de algo pretensamente real, mas da construção de um significado virtual, polissêmico e cujas finalidades são retóricas: levar o interlocutor a evocar a figura do monstro, levando-o, assim, a uma construção de monstruosidade que torna suportável a experiência. Cabe, então - usando um termo caro tanto à Análise do Discurso quanto à Psicanálise - operar um *estranhamento* sobre a superfície da capa, a fim de desmontar a alegoria, especificando como ela age, construindo, sobre o literal, um sentido-outro. À procura de indícios, o olhar se dirige à parte verbal da capa. Ali, está escrito: O PRECARIADO: A nova classe perigosa (apesar de não haver dois pontos na capa, eles aparecem na ficha catalográfica). O mecanismo de nomeação (precariado) dessa nova classe emergente é muito importante aqui.

Nossa análise precisa estabelecer um diálogo necessário entre o verbal e o não-verbal, considerando que este último precisa daquele para significar. O primeiro sintagma (O precariado) designa uma classe social que é nova, ou seja: refere-se a um grupo de pessoas que mantém relações de trabalho de modo incerto, não-estável, de curta duração. Segundo Marx (1989), temos aí uma ‘classe-em-si’, que, diferentemente da ‘classe-para-si’, constitui um grupo cujos membros não sabem que podem manter desejos, aspirações, reivindicações e projetos em comum. Standing (2014), seguindo tal ponto de vista, assim define: “Podemos afirmar que o precariado é uma *classe-em-formação*, se não ainda uma *classe-para-si*, no sentido marxista do termo” (p.8). Há um indício linguístico-discursivo, no entanto, que parece contrariar essa ideia. Trata-se, aparentemente, de um participio: precariado. Porém, só aparentemente, porque o participio é uma das formas nominais de

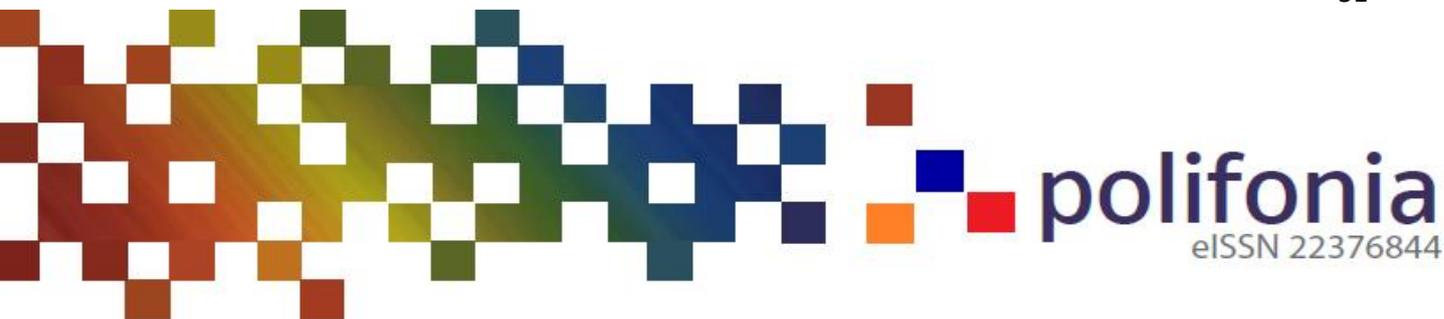


um verbo, e, neste caso, não há um verbo precariar. O dicionário registra precarizar, um infinitivo impossível de gerar precariado, somente precarizado.

Concluimos tratar-se de um neologismo, processo linguístico que consiste na criação de uma palavra ‘nova’ para preencher algo também novo, ainda não nomeado. Esse algo novo, que reclama por interpretação, refere-se um ponto de impossível da língua. A própria língua, enquanto sistema de regras e relações oferece uma saída para essa deriva: precariado, esclarece Standing, resulta da aglutinação de proletariado com precário. Trata-se aqui de uma manobra para contornar a irrupção do real, um dos três registros do psiquismo propostos por Lacan (1953) ao lado do simbólico e do imaginário, cujo enlace forma o nó borromeu. O neologismo é necessário para preencher um espaço de não-saber da língua, um lugar do processo de significação (metonímia) no qual o sujeito fica à deriva (Pêcheux (2009)), por não ter um significante onde se agarrar²: falta-lhe a palavra. O que ocorre, então, devido ao processo metafórico, é que a própria língua, enquanto sistema, oferece modos de contornar esse vazio de significação, através de processos como a prefixação, a sufixação, a aglutinação ou a justaposição. É conhecida a regra da Psicanálise segundo a qual uma metáfora é o produto de duas metonímias; segue-se daí que tais processos podem aplicar-se a palavras dicionarizadas, produzindo, desse modo, ‘novas’ palavras. Essa é a saída para o sujeito quando em deriva.

Portanto, na memória discursiva, esses termos constroem um campo semântico de analogias. No caso de precariado, o artigo O do título o transforma em substantivo. Aí está a novidade: o neologismo precariado. Aquilo que Pêcheux (1990) e Foucault (1969) denominam de acontecimento discursivo. Em linhas gerais, o acontecimento trata do resultado de uma mudança na delimitação de um objeto, que resulta em algo ‘novo’, não apenas em termos de regras de funcionamento, como também em termos das condições não-discursivas. O acontecimento discursivo nasce do choque de uma atualidade com a memória.

² Seguimos aqui a definição de Jacques Lacan (1998): O sujeito é aquele que emerge fugazmente entre significantes.

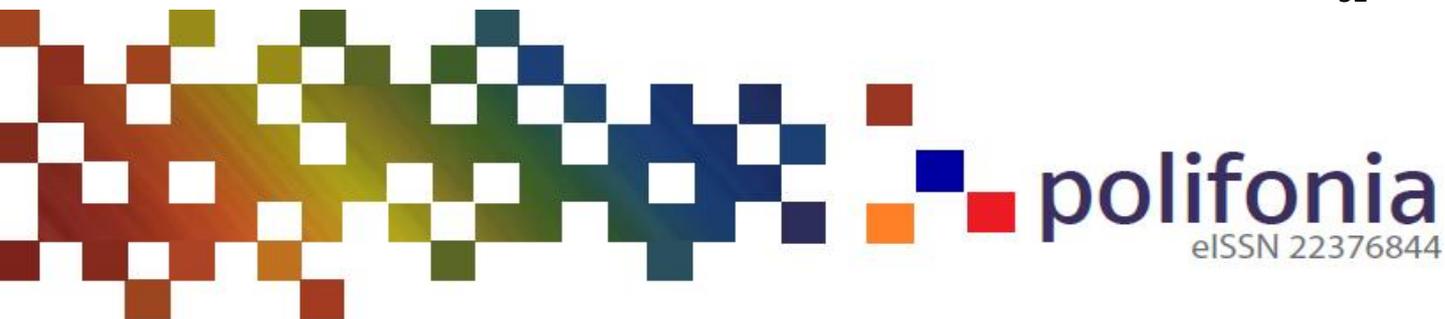


Fazemos, então, as perguntas: De que atualidade, e de que memória tratamos no neologismo *O precariado*? E também nos questionamos: Do que se fala quando se afirma ser o *precariado* ‘a nova classe perigosa’?

Conforme argumentamos acima, o significante precariado, por ser um neologismo, está ligado, no interdiscurso, ou memória do dizer, a palavras cognatas, como precário, precarização, precariedade. Todas elas indicam estado de transitoriedade, algo que não é permanente e pode dissolver-se, ser desfeito a qualquer momento. A expressão “a título precário” tem a seguinte definição no dicionário: É o modo de conceder, usar ou gozar alguma coisa por mero favor ou permissão, sem constituir um direito (JUS BRASIL, 2020). É importante salientar que, como faz parte do discurso jurídico, funciona como lei e deve ser obedecida. Assim, nos usos não-técnicos, no discurso linguageiro, produz o efeito de ter valor de lei. Ora, a lei, como é sabido, não pode ser contestada nem corrigida ou negada por desejo individual.

Foucault, em *História da Sexualidade* (1984), expõe e critica o vínculo existente entre ascetismo e consolidação da sociedade capitalista de produção. Insiste, pontua Safatle (2008), citando-o, “que as tecnologias de si, próprias ao mundo burguês moderno, não podem ser compreendidas como simples dispositivos repressivos montados contra um corpo libidinal metafisicamente pressuposto, substrato natural que apareceria como base para as operações do poder” (p. 122).

Fazendo uma analogia, essa aparente fome de “gente” parece-nos representar o que Foucault (2014[1975]) nomeou como “panoptismo”, dado em relação à nova economia do poder que se apresenta como exploração da vida, da força física incluindo a gestão de seus corpos, o controle de suas necessidades num processo contínuo de naturalização por meio da normatização/normalização do que os indivíduos são e fazem e seus desdobramentos. Uma constituição dos mecanismos de regulação e normalização para a disciplina dos corpos e a regulação da vida. Assim se fabrica o homem moderno, como produto dos processos de objetivação e de sujeição. Percebe-se, a partir destas considerações, que a modernidade tem levado os indivíduos à uma miopia acerca de si e



dos outros, como nos apresenta o Ensaio sobre a Cegueira, de Saramago (1995). Trata-se de um livro que nos faz refletir e nos faz enxergar como somos/reagimos frente a uma situação de caos. Tudo acontece a partir de uma súbita epidemia de cegueira que logo se espalha incontavelmente. Resguardados em quarentena, os cegos se perceberão reduzidos à essência humana. O autor provoca um deslocamento no leitor e o leva a uma experiência imaginária única de total desorganização³ e a superação dos valores estruturais e básicos da sociedade, des/vela por meio dos seus personagens o lado perverso e egoísta dos seres humanos na sua luta pela sobrevivência.

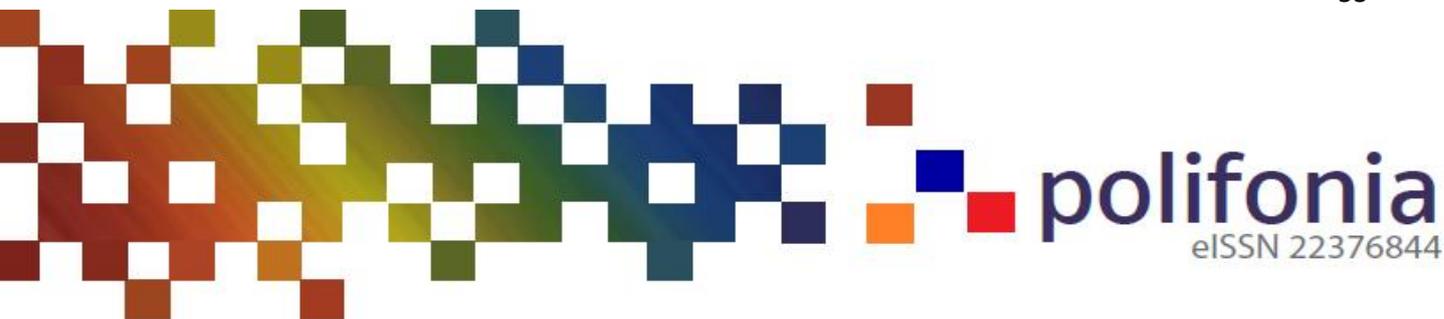
Incott (2018) define o panóptico como se segue:

Ele se insere em uma nova proposta de tecnologia política e representa um marco nas técnicas de vigilância que pretendem substituir o exercício pesado, custoso e inútil de poder que sustentou a soberania monárquica. [...]. O panoptismo deve servir como *categoria de análise*, como ferramenta de compreensão de uma forma específica de “economia política”, de tecnologia e economia do controle e da punição. O objetivo derradeiro do modelo panóptico não é a imposição de um castigo como fim em si, mas a promoção de “um grande experimento: a transformação do homem” (PAVARINI, 2006:214). O homem vigiado, docilizado, submisso é o que se pretende obter com o sistema de vigilância permanente e difuso que o panóptico propõe. As disciplinas próprias deste sistema de controle “funcionam como técnicas que fabricam indivíduos úteis” (FOUCAULT, 2011: 199). Para atingir seu objetivo, o panóptico não depende da vigilância concreta, mas da certeza de que ela está presente sem intermitências (INCOTT, 2018, s/p).

De que maneira podemos interpretar a capa como um panóptico? De acordo com a citação acima, o panóptico não se reduz a um modelo arquitetônico, de construção de edifícios facilitadores da vigilância. Trata-se, antes, de um projeto político que visa criar um homem “vigiado, docilizado, submisso”. Ora, tal projeto na sociedade moderna implica empreender ações que precarizem o trabalho, no sentido já discutido aqui.

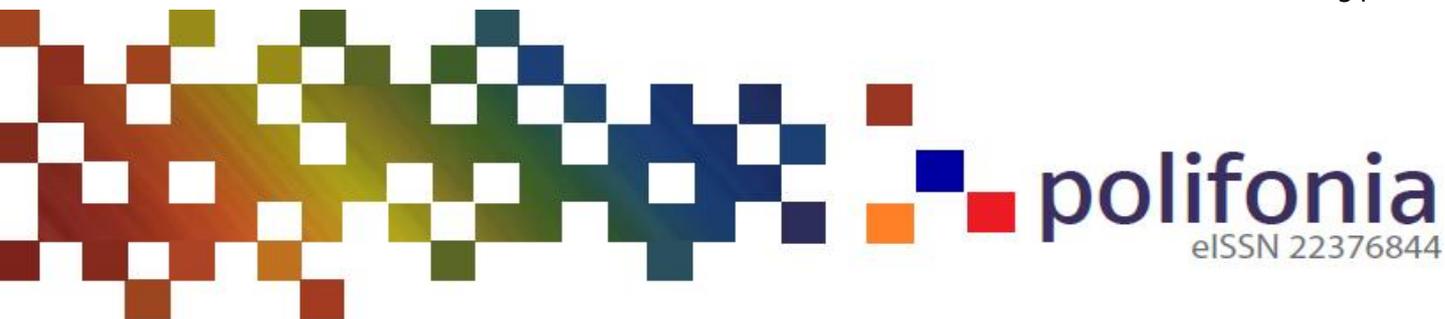
Voltemos à análise de indícios significantes da figura. O título “O Precariado” é realçado sob um fundo preto, cor que no imaginário coletivo ocidental está associada com

³ A atualidade desse livro, e do tema das condições adversas que uma epidemia impõe aos sujeitos como o isolamento, se manifesta na atual crise causada pela pandemia da COVID19. Já não se trata mais de imaginário.



luto, guerra, coisas negativas. Após a análise exaustiva dos dizeres da capa, através dos seus indícios linguístico-discursivos, como foi feito até aqui, pode-se supor que se representa ali uma forma de escravização de si: a escravização pelo capitalismo moderno, na qual os homens se submetem a regimes escravos ou quase escravos de trabalho de maneira “voluntária”, acorrentados pela coisificação. Mas aí, justamente aí, neste ponto de saturação, de mortificação da vontade (inúmeras vezes incentivada pela religião) que se abre para a emergência do desejo de um vir a ser, é onde o sujeito poderia deslocar-se e, no limite, escapar, ir pelas bordas...fazer contornos...ou até mesmo sublimar. Há um espaço, há sempre uma brecha uma fresta (os buracos dos olhos) por onde o sujeito poderia escapar. Porém, o monstro devorador não tem olhos, tem apenas as cavidades oculares. A pulsão escópica, relacionada ao ato de olhar, não encontra um percurso aí, visto que, ao olhar um objeto, o sujeito é olhado por ele (LACAN, 1964-65/1998). Esse retorno ao sujeito, que fecharia o circuito pulsional, não pode ocorrer, visto que não há olhos na imagem. Não há escape possível dessa estrutura panóptica, a única saída é submeter-se ao sistema (ser devorado pelo monstro).

Ciente de que precisa resguardar-se, o sistema oferece falsos escapes. Um deles é a “criação” de “novas” classes sociais, como a dos microempreendedores individuais. Foi criada uma sigla, para atribuir status: MEI. De acordo com o site do INSS, “O Microempreendedor Individual (MEI) é a pessoa que trabalha por conta própria e que se legaliza como pequeno empresário. Nessa condição, ele poderá pagar o INSS com base em uma alíquota reduzida a 5%”. O efeito desse gesto de nomeação, que vem para tamponar o real do impossível do capitalismo (a saber: É impossível uma sociedade sem classes) é que se cria uma “nova” classe que vai abarcar (devorar) os sujeitos com empregos informais, que muitas vezes vivem “de bico”, ganhando no dia a dia o suficiente para seu sustento. No entanto, desde que esse trabalhador precisa ser anexado ao sistema (para não se tornar um perigo à ordem capitalista) ele recebe um registro que lhe permite abrir conta na Caixa, a fim de pagar o INSS. Cremos desnecessário tornar óbvia a manobra perversa que aí se mostra.



Para Stédile (2020):

Esta precarização e controle são possíveis porque são justificadas pela publicização massiva da ideia do “empreendedorismo”. Basicamente a ideologia do empreendedorismo – misto de auto-ajuda com pregação neopentecostal em que o pastor é substituído pela figura do *coach* – vende a ideia de que a pobreza é causada pela (falta de) vontade (em enriquecer) e que basta a livre iniciativa individual². A ideologia do empreendedorismo glamouriza tanto a precarização do trabalho, quanto a desindustrialização (STÉDILE, 2020, s/p).

Chegamos, neste ponto, ao subtítulo do livro: A nova classe perigosa. De que se trata? Por que é perigosa? A resposta é: Porque o sistema ainda não encontrou uma saída para “devorá-la”. Assim, entregadores de comida que pedalam quilômetros de bicicleta todos os dias a fim de ganhar muito pouco; motoristas do Uber ou outros sistemas de transporte onde os patrões são invisíveis e implacáveis, motoristas que às vezes nem são donos do carro (muitos alugam carros para trabalhar), que não possuem garantia nenhuma nem de estabilidade, nem da saúde – esses constituem a “nova” classe perigosa.

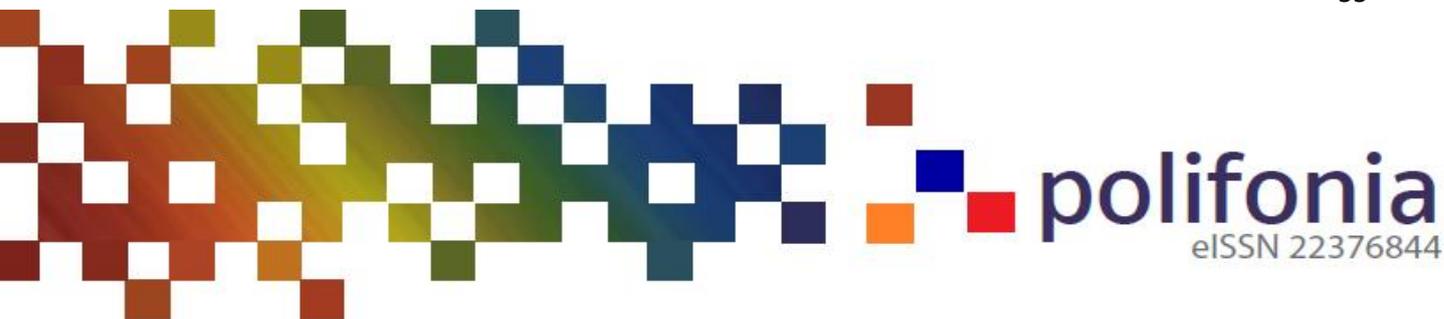
Conclusões

As reflexões e análises aqui colocadas conduzem a um questionamento: É possível uma sociedade pós-capitalista? Existiria uma saída (um escape) dessa sociedade organizada em torno da produção e do capital? Vamos a seguir examinar alguns pontos de vista a respeito. Zizek (2020), tomando como mote a atual crise mundial causada pelo Coronavírus, parece acreditar que sim. Ele afirma:

A disseminação contínua da epidemia do coronavírus acabou desencadeando, também, certas epidemias de vírus ideológicos que estavam adormecidos em nossas sociedades: *fake news*, teorias da conspiração paranoicas e explosões de racismo.

A quarentena, devidamente fundamentada em evidências médicas, encontrou um eco na pressão ideológica por estabelecer fronteiras estritas e isolar os inimigos que representam uma ameaça à nossa identidade.

Mas, talvez, outro vírus muito mais benéfico também se espalhe e, se tivermos sorte, irá nos infectar: o vírus do pensar em uma sociedade alternativa, uma sociedade para além dos Estados-nação, uma sociedade que se atualiza nas



formas de solidariedade e cooperação global (grifos nossos) (ZIZEK, 2020, s/p).

Haque (2018) pensa, juntamente com Zizek, que há escape possível para fora da estrutura panóptica do capitalismo. O autor deixa essa ideia bem clara logo no subtítulo de sua matéria: “Riscos de horror fascista, bem sabemos, são reais. Mas surgiu pela primeira vez, na História, a chance de deixar para trás um sistema detestado por todos”.

E argumenta que:

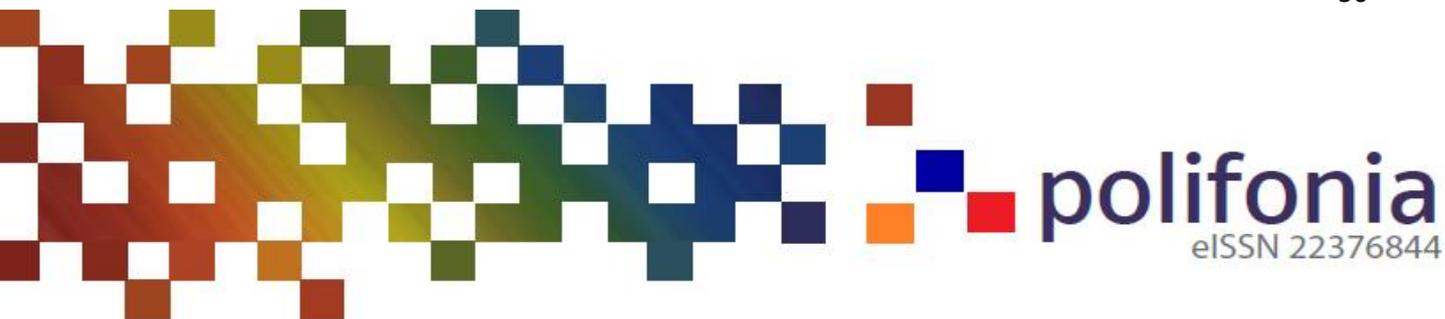
Examinemos, agora de quê estamos buscando nos libertar. Liberdade da exploração. Liberdade do controle e da dominação. Liberdade para descobrir, para o autodesenvolvimento, a auto realização. Liberdade para viver vidas que de fato expressam significado, propósito e preenchimento – em vez de ser esmagados por ansiedade, feridos por competição obsessiva e sufocados por medo. Esta é, provavelmente, a primeira vez, na história humana, em que somos, de fato, capazes de dar estas coisas uns aos outros. (HAQUE, 2019, s/p).

O autor continua:

Nunca tivemos essa capacidade concreta antes. Nas fases anteriores da história humana precisávamos de exércitos de trabalhadores, envolvidos em garantir o sustento das nações – lavrando a terra, produzindo os bens necessários à vida, contabilizando, dirigindo e assim por diante. Mas agora, finalmente a tecnologia está automatizando e eliminando o trabalho repetitivo e burocrático de um modo diferente do que faziam, antes, as fábricas – que se limitavam a entupir o mundo de bens de consumo. Agora, a tecnologia permite substituir matérias-primas, lavrar os campos, fazer a contabilidade, dirigir as entregas e tantas coisas mais (Ididem)

Foucault (2010), nos últimos anos de sua vida, dedicou-se a estudar a subjetividade, os modos de subjetivação, e a constituição do sujeito como consequências da ação política, e, portanto, decorrentes do tipo de sociedade e das relações de poder que nela se instalam. Para ele

[...] existe atualmente – e é nisto que intervém a política – em nossas sociedades um certo número de questões, de problemas, de feridas, de inquietações, de angústias que são o verdadeiro motor da escolha que faço e dos alvos que procuro analisar, dos objetos que procuro analisar, e da maneira que tenho de analisá-los. É o que somos – os conflitos, as tensões, as angústias que nos atravessam – que finalmente, é o solo, não ousou dizer sólido, pois por



definição ele é minado, perigoso, o solo sobre o qual eu me desloco. (FOUCAULT, 2010, p. 303)

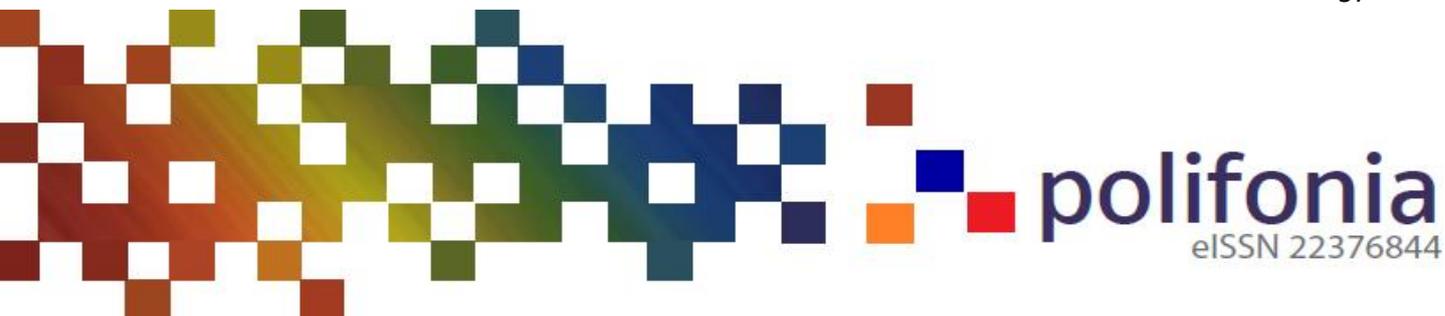
Para o autor, tudo está imerso nas relações de poder/saber e tudo é prática, explicitada por meio dos enunciados e visibilidades. Textos e instituições, ver e falar são constitutivos das práticas sociais amalgamadas às relações de poder que as supõem e, ao mesmo tempo, as atualizam. Diz Foucault (1984, p. 95), “... estamos sempre ‘dentro’ do poder, não há como escapar dele, não existe, relativamente a ele, nenhum exterior absoluto [...]. Isso equivaleria a desconhecer o caráter estritamente relacional das correlações de poder.”

Safatle (2008) tenta elaborar possibilidades de um vir a ser, ou seja, de uma alternativa ao capitalismo, e nos alerta para o fato de que qualquer mudança na ordem social pode encobrir o engodo de fazer crer que houve mudança, mas, na realidade, nada mudou, ou mudou para pior:

Mas, fica aqui uma questão: e se a fantasmagoria do capitalismo não precisasse mais fazer apelo a imagens de completude e unidade? É bem provável que estejamos em uma época na qual somos assombrados por outra fantasia ideológica: a fantasia do corpo inconsistente do capital, que nos leva a uma forma ainda mais astuta de totalitarismo, já que nos cega para o que permanece idêntico no interior dessa disseminação de multiplicidade. Pois a inconsistência pode servir para sustentar uma Ordem que vigora através da sua própria descrença (SAFATLE, 2008, p.25).

Diante dos pontos de vista apresentados acima, concluímos que a questão sobre se é possível uma sociedade pós-capitalista não pode ser respondida, de maneira categórica, nem afirmativamente, nem negativamente. A nosso ver, isso ocorre porque estamos diante de uma questão que não depende de variáveis controláveis, mas de contingências históricas que aceitam somente conjecturas. e. Não é proibido que os homens sonhem ou criem utopias, é claro, mas Diante do real da História, advém o impossível da certeza e da verdade.

Considerações finais



A luta histórica do movimento operário e de seus reais dilemas continua, são as lutas cotidianas, espontâneas, dirigidas contra todas as formas de dominação, mas ainda são inconsistentes devido à desigualdade de classe, ao desemprego em massa, à precarização do trabalho que atinge milhões de pessoas em todo o mundo. Porém, pode-se pensar positivamente que esses novos atores, excluídos ou à margem do sistema, tais como: trabalhadores informais, os índios, os negros, as mulheres, os imigrantes e outros invisíveis, possam operar na resistência ou se engajarem numa luta social dos que pertencem à chamada classe perigosa. Uma classe emergente composta por um número cada vez maior de pessoas que levam vidas de insegurança, entrando e saindo de empregos que conferem pouco significado a suas existências.

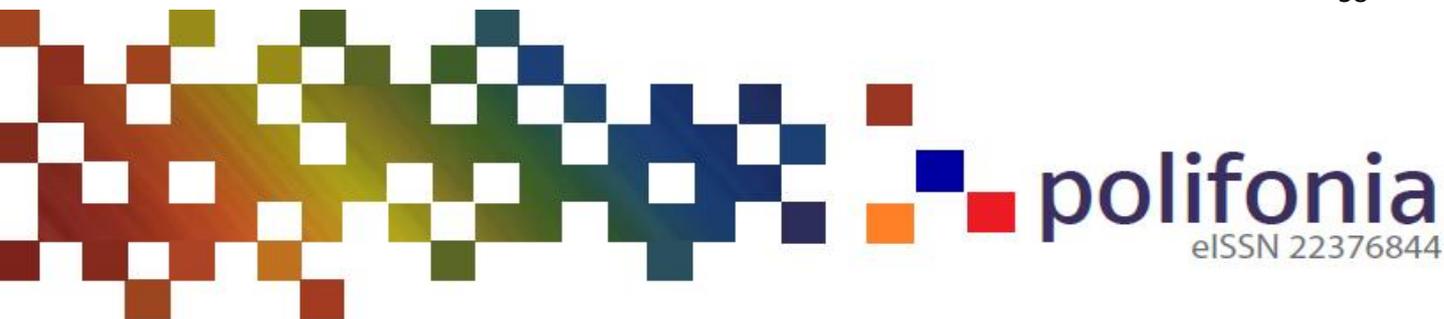
Foucault (1995) propõe uma “nova economia das relações de poder”, cujo foco estava nas formas de resistência contra as diferentes formas de poder a fim de deixar mais evidentes as relações de dominação. Pontua que essa “economia” além de valorizar as lutas transversais (imediatas, anárquicas etc.), comporta forma de resistências contra o poder sem a pretensão de solucionar problemas com revoluções ou com o fim da luta de classes Foucault (1995. p. 234-236); o que se propõe com essa “economia” são as “lutas contra a sujeição, a subjetivação e a submissão”, aquelas que “afirmam o direito do indivíduo de ser diferente” e que são consideradas lutas contra a dominação e a exploração.

Referências

ABÍLIO, L. C. Plataformas digitais e uberização: globalização de um sul administra do? *Contracampo*, v. 39, n. 1, p. 12-26, abr./jul. 2020.

CARELLI, R. de L. **Trabalho no século XXI: as novas formas de trabalho por plataformas.** Disponível em: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/trabalho-no-seculo-xxi-as-novas-formas-de-trabalho-por-plataformas-30072018>. Acesso em: 07 maio 2020.

COURTINE, J-J. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. *In*:



CORBIN, A.; COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P.; MICHEL F. (Org.) **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969/1997.

FOUCAULT, M. O Panoptismo. *In*: FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 39 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975/2014. p. 190-219.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975/2011.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 1984/2017.

FOUCAULT, M. **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. "O filósofo mascarado". [Entrevista cedida a] C. Delacampagne. [fev. 1980]. *Le monde*. nº 10.945, 6 de abril de 1980. **Le Monde-Dimanche**. p. I e XVII. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1867821/mod_resource/content/1/O_Filosofo_Mascarado.pdf. Acesso: 30 mar. 2020.

FREUD, S. O estranho. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1996.

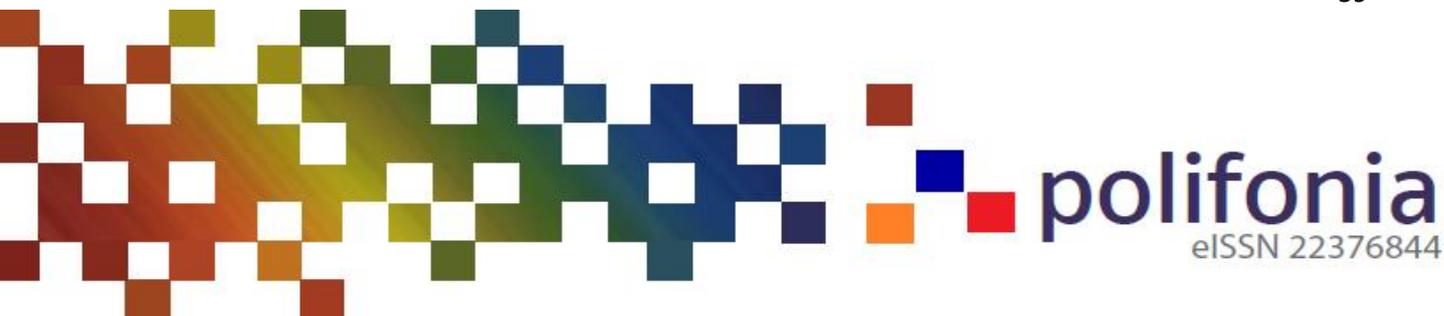
GINZBURG, C. M. **Emblemas e sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

HAQUE, U. Por que tornou-se possível fugir do capitalismo. **OUTRASPALAVRAS**, 28/10/2018 - Atualizado 19/12/2018.

HOFFMANN, E. T. A. O homem de areia. *In*: HOFFMANN, E. T. A. **Histórias fantásticas**. Tradução de C. Cavalcanti. Rio de Janeiro: Imago, 1817/1993. P. 113-146.

INCOTT, P. Panoptismo: reflexões atuais sobre vigilância e controle. **Canal Ciências Criminais**. 2018. Disponível em: https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/5052819_87/panoptismo-reflexoes-atuais-sobre-vigilancia-e-controle. Acesso em: 04 abr. 2020.

JUS BRASIL. **Título precário**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/>



296952/titulo-precario. Acesso em: 20 fev. 2020.

LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964-1965/1998.

LACAN, J. O simbólico, o imaginário e o real. *In:* LACAN, J. **Nomes-do-Pai.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1953/2005.

MARX, K.; ENGELS, F. **Ideologia Alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MEIRELES, C. **Viagem. Poesia.** Lisboa: Editorial Império, 1937. Transcrição do exemplar Versão para eBook. Edição eBooks Brasil e BooksBrasil.com Copyright. 2000/2006. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/viagem.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento.** 2 ed. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 4 ed. Campinas: Pontes, 2009.

RIBEIRO, D. G. Ensaio por uma aula estranha; ou sobre literatura e palavra. *Magma*. n. 13, maio 2017. p. 295-313.

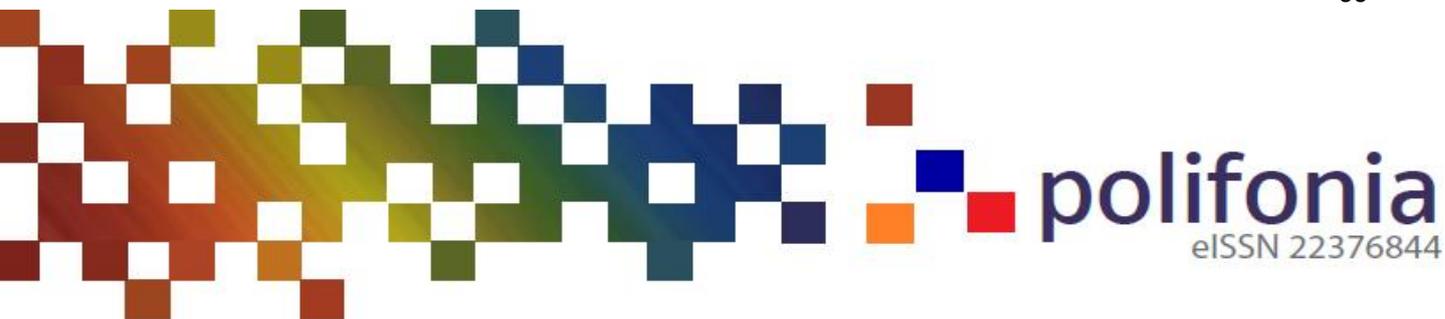
ROCHA, L.L. F. O que a história do monstro humano pode nos contar da monstruosidade da vilania e seu embelezamento. *In:* 9º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. (GT de história da mídia audiovisual e visual). 9, 2013, Minas Gerais. **Anais [...]** Minas Gerais: FRGS, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/o-que-a-historia-do-monstro-humano-pode-nos-contar-da-monstruosidade-da-vilania-e-seu-embelezamento/view>. Acesso em: 24 mar. 2020.

SAFATLE, V. P. Por uma crítica da economia libidinal. *Ide*, São Paulo, v. 31, n. 46, 2008. p. 16-26. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000100004. Acessos em: 04 abr. 2020.

SAFATLE, V. **Cinismo e falência da crítica.** São Paulo: Boi Tempo, 2008.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

STANDING, G. **O precariado: a nova classe perigosa.** Traduzido por Cristina Antunes. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.



STÉDILE, M. E. Candinhos: ofícios precarizados e periféricos do nosso tempo. *Front – Instituto de Estudos Contemporâneos*, n. 19, maio 2020.

TFOUNI, L. V. O dado como indício e a contextualização do(a) pesquisador(a) nos estudos sobre compreensão da linguagem. *D.E.L.T.A*, vol. 8, no. 2, 1972, pp. 205-223.

TFOUNI, L. V., PEREIRA, A. de C., MILANEZ, N. **O paradigma indiciário e as modalidades de decifração nas Ciências Humanas.** EduFSCar, 2018, 234p.

ZIZEK, S. Zizek vê o poder subversivo do Coronavírus. *Outras Palavras - Crise civilizatória*. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/zizek-ve-o-poder-subversivo-do-coronavirus/>. Acesso em: 03 mar. 2020.